

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA  
EDUCAÇÃO BÁSICA  
Miriam Dias Gomes

**A UTILIZAÇÃO DAS OBRAS LITERÁRIAS NAS PRÁTICAS DE ENSINO  
APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

Belo Horizonte

2015

Miriam Dias Gomes

**A UTILIZAÇÃO DAS OBRAS LITERÁRIAS NAS PRÁTICAS DE ENSINO  
APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Processos de Alfabetização e Letramento pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): Profa Dra. Maria Gorete Neto

Belo Horizonte

2015

Miriam Dias Gomes

**A UTILIZAÇÃO DAS OBRAS LITERÁRIAS NAS PRÁTICAS DE ENSINO  
APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Processos de Alfabetização e Letramento pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): Profa. Dra. Maria Gorete Neto

Aprovado em 9 de maio de 2015.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Maria Gorete Neto – Faculdade de Educação da UFMG

---

Profa. Dra. Cláudia Starling Bosco – Faculdade de Educação da UFMG

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por mais essa vitória!

Aos meus familiares e amigos por torcerem por mim.

Agradeço a minha orientadora Maria Gorete por todo auxílio e em especial às pessoas que não me deixaram desistir, me apoiando nos momentos mais difíceis.

São elas: Geise, Gilsimara, Ivani, Simone e Norma .

Essa Vitória é Nossa!

## RESUMO

O objetivo geral do projeto de intervenção foi verificar como as obras literárias podem contribuir para o processo da aquisição da compreensão da leitura e escrita. Foi realizado um projeto de intervenção na escola Municipal Milton Campos (EMILCAM) em uma turma do 2º ano do 1º ciclo durante os meses de agosto a outubro de 2014. O projeto trabalhou com uma produção literária baseada no livro *Romeu e Julieta* de Ruth Rocha, inspirado no famoso romance de William Shakespeare com o mesmo nome. Os resultados indicam que o projeto atendeu aos objetivos propostos, pois os alunos estiveram integrados em torno de atividades lúdicas, mas ao mesmo tempo, extremamente relevantes para desenvolver o processo de alfabetização. Diante dos resultados alcançados, sugere-se a expansão deste projeto para outras turmas e novos livros, sempre em busca da melhoria do processo de alfabetização e letramento das crianças.

**Palavras-chave: Alfabetização; letramento; obras literárias; literatura infantil**

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1: Capa e contra capa do Livro “Romeu e Julieta” .....</b>	<b>28</b>
<b>Figura 2: Ilustração da capa feita por um aluno .....</b>	<b>29</b>
<b>Figura 3: Flores coloridas enfeitando a sala .....</b>	<b>30</b>
<b>Figura 4: Visita dos alunos à biblioteca .....</b>	<b>34</b>
<b>Figura 5: Atividades realizadas pelas crianças .....</b>	<b>35</b>
<b>Figura 6: Caça palavras .....</b>	<b>35</b>
<b>Figura 7: Atividades em sala de aula .....</b>	<b>36</b>

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO.....</b>	<b>11</b>
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>14</b>
<b>4 METODOLOGIA DA PESQUISA .....</b>	<b>22</b>
<b>5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>25</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>43</b>
<b>APÊNDICE 1 – ATIVIDADES ORIGINAIS DOS ALUNOS .....</b>	<b>45</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O trabalho que se apresenta tem como objetivo de refletir sobre um plano de ação implementado na Escola Municipal Milton Campos, em uma turma do 2º ano do 1º ciclo do ensino fundamental com parte da disciplina ACPP, Análise Crítica da Prática Pedagógica.

O interesse pelo tema surgiu a partir da experiência da autora deste projeto que atua como alfabetizadora e acredita que as obras literárias são fundamentais para auxiliar as práticas profissionais no processo de ensino / aprendizagem da alfabetização, tendo os alunos como indivíduos fundamentais deste processo.

Diante deste contexto e por meio do desenvolvimento do citado plano de ação, busca-se conhecer de que forma as atividades literárias influenciariam na compreensão da leitura e da escrita e que estratégias poderiam ser realizadas com os alunos a fim de sanar o problema da compreensão da leitura e da escrita, sem causar apatia nos mesmos.

A partir destas considerações abre-se espaço para responder às seguintes questões por meio do desenvolvimento do plano de ação:

- Que mudanças positivas ou negativas foram relevantes neste processo?
- Houve uma receptividade por parte dos alunos na construção do plano de ação?
- Que projeto poderia sanar os problemas de compreensão da leitura e da escrita, minimizando os obstáculos cognitivos dos alunos?

Para responder aos questionamentos, houve a construção de um plano de ação propondo uma atividade didática que despertasse, em primeiro lugar, a curiosidade, o prazer, a motivação e o desejo dos alunos por explorar novos caminhos por meio da leitura.

Com base no contexto apresentado, o objetivo geral deste trabalho foi verificar como as obras literárias podem contribuir para o processo da aquisição da compreensão da leitura e escrita.

De maneira específica foram traçados os seguintes objetivos:

- Incentivar a leitura de diversos gêneros literários como meio da aquisição da compreensão da leitura;
- Criar estratégias de atuação docente por meio de instrumentos literários que despertem nos alunos o gosto pela leitura;
- Verificar se os alunos foram capazes de compreender textos após a conclusão do plano de ação;
- Analisar a eficácia do projeto em relação aos interesses dos alunos para a leitura.

O desenvolvimento do presente plano de ação possui em primeiro lugar relevância profissional, já que enquanto alfabetizadora a pesquisadora e autora deste trabalho sempre se preocupou com a proposição de estratégias que despertassem nos alunos o prazer e o hábito da leitura. Estratégias estas que vão além da simples decodificação de símbolos. Para tanto, sempre buscou incentivar os alunos a ler textos variados, revistas em quadrinhos, obras literárias, parlendas, contos, jornais, dentre outros.

Além disso, as aulas sempre foram baseadas em diversos recursos tais como: contação de histórias, estabelecimento de um “cantinho de leitura”, recontos de histórias, leitura protocolada e parcerias com outros profissionais do meio escolar para que as aulas fossem desenvolvidas de maneira interdisciplinar.

Assim sendo, este projeto é uma oportunidade de verificar se as atuais práticas pedagógicas têm se mostrado eficazes para despertar nos alunos a motivação e o hábito da leitura, já que embora a autora deste trabalho, no decorrer de suas práticas profissionais utiliza métodos variados de ensino, ainda há um significativo número de alunos que apresentam dificuldades na compreensão da leitura e no desenvolvimento da escrita.

Deve-se mencionar que no ano de 2014 deu-se início a construção da “pasta literária”, um projeto que tinha como base fazer com que os alunos fossem até a biblioteca da escola e escolhessem um determinado livro para realizar uma apreciação literária. Houve uma grande empatia dos alunos para com a atividade, mas detectou-se que ainda há muito que fazer para envolver e motivar ainda mais os alunos.

Assim pensou-se em um projeto que atingisse a todos e que pudesse auxiliar também as profissionais em novas descobertas e estratégias que valorizassem uma maior apreensão do saber.

Partindo da premissa de que ler é interagir e compartilhar abriu-se espaço para propor um projeto que possibilitasse chegar a este propósito nas salas de aula.

Assim foi proposto o trabalho com a obra literária intitulada “Romeu e Julieta”. O trabalho teve como objetivo buscar a interação entre professores e alunos, despertando nos alunos por meio da leitura, sentimentos, emoções e opiniões a respeito da obra em questão.

Verifica-se então que a realização do presente estudo é também uma oportunidade para identificar que transformações este trabalho trouxe de positivo ou negativo no processo de ensino aprendizagem e ainda avaliar a possibilidade de desenvolver outros projetos no futuro.

## **2 CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO**

A Escola Municipal Milton Campos (EMILCAM) fica localizada no Bairro Mantiqueira, periferia da região de Venda Nova, zona norte da cidade de Belo Horizonte.

Fundada em 23 de Março de 1976, a EMILCAM como é chamada e conhecida por todos, é uma das primeiras escolas do bairro. São 38 anos de atividade instruindo e educando crianças, jovens e adultos na região. Hoje a escola é considerada uma referência de acolhimento pela comunidade.

A escola trabalha atualmente com 36 turmas do ensino fundamental, 4 turmas no projeto de educação de Jovens e Adultos (EJA), e 4 turmas no projeto “Floração” totalizando 1.120 alunos.

Em 2009 foi implantado o projeto “Escola Integrada” que já conta com 350 alunos fazendo atividades interativas. Nos finais de semana, a escola atende a comunidade com o programa “Escola Aberta” atendendo em média 250 pessoas que realizam diversas atividades dentre estas trabalhos artísticos e esportes.

A escola conta com a coordenação pedagógica geral, formada pela direção, coordenadores pedagógicos e 1 coordenador de turno. Estes profissionais sempre se preocuparam em promover projetos que visam a ascensão da educação no seu âmbito global. Para tanto, buscam a cumplicidade do corpo docente em prol dos alunos e da comunidade.

A EMILCAM tem como filosofia oferecer à infância, à adolescência e à juventude no nível fundamental, a educação integral humanista de inserção na sociedade, ser uma escola democrática e participativa procurando formar um cidadão crítico e inserido no mundo do trabalho e na sociedade.

Para tanto, se faz necessário realizar algumas ações que tenham como meta a permanência do aluno na escola, respeitando seus direitos como cidadãos críticos, priorizando as relações interpessoais e as diversidades do grupo, garantir e incentivar a participação da comunidade nas tomadas de decisões através das assembleias escolares ou do colegiado.

Como a escola se preocupa em preparar o aluno para o mercado de trabalho, para isso, o mesmo tem que ter consolidada a capacidade de ler, compreender e fazer inferências básicas. Antes de tudo, deve haver interesse por parte deles. Fez-

se necessário a criação do projeto de intervenção pedagógica (PIP) para atender aos alunos com dificuldades na questão da leitura e escrita, na tentativa de sanar as defasagens do ensino aprendizagem.

Outro projeto que tem como objetivo impedir que problemas relacionados à saúde prejudiquem o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos é o programa "saúde na escola" (PES), no qual, vários especialistas estão envolvidos tais como: nutricionistas, oftalmologistas, agentes de saúde, dentre outros. Para complementar o atendimento do aluno, foi inserido o atendimento educacional especializado (AEE) com mobiliário próprio para atender aos alunos de inclusão.

É possível perceber que a escola procura sempre atender as necessidades dos alunos. Mesmo assim, pode-se perceber que embora a escola tenha o aparato necessário para dar suporte à comunidade, na maioria das vezes, observa-se que a própria comunidade só comparece quando é convocada para reuniões escolares ou interesses pessoais e, no caso dos pais, estes contatos estão apenas relacionados aos filhos.

Outra observação em relação a projetos relacionados à leitura é a de que há um apoio muito grande dentro da proposta pedagógica da escola, pois, todos os recursos pedidos para a execução do projeto são atendidos como: excursões compra de materiais, contratações de contadores de histórias como Roberto Carlos (contador de histórias), que são muito enriquecedores para o processo de incentivo à leitura, e formadores que auxiliam na renovação das práticas pedagógicas.

No que se refere à atuação profissional da autora deste projeto, a mesma, conforme referido, sempre procurou instigar os alunos a valorizar a leitura, buscando a parceria com o pessoal da biblioteca que promove a contação de histórias, teatros, levando os alunos a buscarem diversas estratégias de leitura como: conto e reconto do que foi lido na biblioteca, leitura deleite dos livros disciplinares de leitura e artes que incentivem ainda mais por se tornar uma atividade prazerosa, segundo dizem os próprios alunos.

A busca constante do incentivo da leitura através de reconto de histórias por parte das profissionais e pelos próprios alunos trouxe uma aproximação muito grande entre professor-aluno. Deste modo, há uma grande tranquilidade por parte da docente em propor as atividades já que há uma motivação aparente por parte dos alunos.

Por outro lado, percebe-se que caso as atividades propostas em sala de aula modifiquem as rotinas da escola e das aulas, há certa resistência por parte de alguns professores em executar atividades novas e tal fator pode prejudicar o processo de ensino aprendizagem dos alunos.

No entanto a docente e pesquisadora segue com seus objetivos, tentando resolver os problemas em relação a leitura e compreensão sem entrar em embates com os demais colegas, mantendo a convivência amistosa com seu grupo de trabalho.

A turma da docente e autora deste trabalho é composta por 11 meninos e 11 meninas na faixa etária de 7 a 8 anos de idade. A turma é do 2º ano do 1º ciclo e os alunos, em sua maioria, apresentam autonomia e confiança para realizar as atividades propostas.

Os alunos de 8 anos já possuíam um nível mais avançado tanto de leitura como na escrita, contudo havia dificuldades em interpretação de texto e dificuldades em expressar opiniões fazendo inferências ao que liam.

Este é o desafio da docente que será destacado no projeto de ação: motivar os alunos e levá-los a adquirir o hábito da leitura e escrita, fazendo com que os mesmos compreendessem devidamente os textos lidos.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

O desenvolvimento das práticas de leitura vem sendo muito discutido nas instituições de ensino atualmente (SOARES, 2010). No decorrer das práticas docentes verifica-se que uma das maiores dificuldades dos alunos em idade de alfabetização está na compreensão dos textos e, neste caso, nota-se que a leitura é o maior veículo para transformar este cenário, já que a prática constante vai levar a um maior conhecimento o que, conseqüentemente facilitará a compreensão dos textos lidos.

Para Magda Soares (2010, p. 19) o domínio da escrita constitui-se em uma forma de poder desde a época da antiguidade, mas ao longo do tempo é possível identificar várias mudanças nas abordagens e na importância que se dá à escrita para a sociedade.

Conforme descreve Soares (2003, p. 31):

Sabe-se que a leitura está relacionada ao conhecimento e à cultura e a sociedade de hoje está cada vez mais exigente, o que demanda conseqüentemente que as pessoas precisem estar mais integradas ao mundo que as rodeia.

Entende-se então que quanto mais cedo uma criança tiver contato com a leitura e a escrita, maior será a sua capacidade de compreensão, já que aos poucos ela vai aprendendo, percebendo e interpretando o que lê e escreve em seu cotidiano.

Diversos autores como Magda Soares (2003, 2010), Ângela Kleiman (2004) e Roxane Rojo (1998) têm demonstrado preocupação em analisar tal assunto e esse trabalho pretende fazer uma reflexão sobre a importância de se criar ambientes favoráveis para o desenvolvimento das práticas de leitura dentro e fora das escolas com o objetivo de fazer com que os indivíduos sejam mais letrados e cultos.

Uma das maiores dúvidas que surgem no decorrer das práticas docentes é qual a verdadeira diferenciação entre uma criança alfabetizada e uma criança letrada?

Na verdade a resposta de tal questionamento pode nos levar a entender então o que vem a ser uma compreensão / interpretação de textos.

Avaliando os conceitos citados e utilizando a descrição teórica pode-se verificar que segundo Soares (2010, p. 15) a definição de alfabetização pode ser entendida como o “ato ou efeito de alfabetizar, de ensinar as primeiras letras”. Assim, uma pessoa alfabetizada é entendida como aquela que domina as “primeiras letras”, que domina as habilidades básicas ou iniciais do ler e do escrever. Resumindo, a alfabetização é a capacidade de levar a criança a se apropriar do sistema da escrita alfabética que consiste em uma possível representação da fala.

Kleiman (2004) afirma que a alfabetização esteve por muito tempo atrelada à concepção de exercícios de prontidão e a uma mera transmissão de técnicas que, pensava-se, tornava o aluno apto para ler e escrever embora o lido e o escrito não fossem compreendidos em sua acepção maior. Não havia uma conexão entre o mundo real da criança e o contexto social do qual esta fazia parte.

Com o passar dos anos, destaca Soares (2003, p.10-11) que, o conceito de alfabetização ampliou-se em razão de necessidades sociais e políticas, sendo que não é considerado alfabetizado o indivíduo que apenas domina as habilidades de codificação e de decodificação, “mas aquele que sabe usar a leitura e a escrita para exercer uma prática social em que a escrita é necessária”.

Conforme a autora:

Existe atualmente uma busca por parte de profissionais da área de educação em criar condições para que o aluno se torne um indivíduo letrado e não apenas alfabetizado. É relevante diferenciar alfabetização de letramento, na qual a primeira refere-se a uma ação de ensinar/aprender a ler e escrever; enquanto a segunda refere-se a um estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva (dedica-se às atividades) e exerce (conforme as demandas) as práticas sociais que usam a escrita (SOARES, 2003, p. 11).

Rojo (1998) descreve que o conceito de letramento trouxe para debate à educação – em especial a educação linguística – as formas de apropriação e utilização das variadas construções intelectuais e dos produtos de cultura da sociedade urbano industrial, novos questionamentos e proposições.

Por sua vez, Kleiman (2004, p. 19) entende o letramento “como sendo um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. De acordo com Kleiman (2004, p. 20):

O conceito chave neste raciocínio são as práticas sociais. Não se trata de indagar o que e quanto uma pessoa ou um grupo de pessoas sabe de escrita, mas sim o que fazem com o que sabem ou, mais exatamente, como a escrita e a leitura participam das diversas situações sociais de que participam e que importância isto tem para o resultado da atividade.

Para a referida autora, o fenômeno do letramento extrapola o mundo da escrita tal como ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. De fato, a escola é a principal agência de letramento e de alfabetismo na sociedade contemporânea, pois é na escola que somos alfabetizados. Mas não é a única e, além disso, e este é o ponto crucial, o mais importante é o que as pessoas fazem nas suas vidas com o que aprenderam na escola (KLEIMAN, 2004).

Nesse sentido, Soares (2010, p.14) menciona ainda que não se deve dissociar alfabetização e letramento, pois:

(...) no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema–grafema, isto é, em dependência da alfabetização.

Explica a autora que alfabetização e letramento se somam. Ou melhor, a alfabetização é um componente do letramento. Soares (2010, p. 16) considera arriscado o que se vinha fazendo, ou se vem fazendo, repetindo-se que alfabetização não é “apenas ensinar a ler e a escrever, desmerecendo assim, de certa forma, a importância de ensinar a ler e a escrever”.

A autora alerta que:

É verdade que esta é uma maneira de reconhecer que não basta saber ler e escrever, mas, ao mesmo tempo, pode levar também a perder-se a especificidade do processo de aprender a ler e a escrever, entendido como aquisição do sistema de codificação de fonemas e decodificação de grafemas, apropriação do sistema alfabético e ortográfico da língua, aquisição que é necessária, mais que isso, é imprescindível para a entrada no mundo da escrita.

Para Soares (2010), trata-se de um processo complexo, difícil de ensinar e difícil de aprender, por isso é importante que seja considerado em sua especificidade. Mas isso não quer dizer que os dois processos, alfabetização e letramento, sejam distintos; na verdade, não se distinguem, deve-se alfabetizar letrando.

Em síntese, o que a autora propõe em primeiro lugar, é:

(...) a necessidade de reconhecimento da especificidade da alfabetização, entendida como processo de aquisição e apropriação do sistema da escrita, alfabético e ortográfico; em segundo lugar, e como decorrência, a importância de que a alfabetização se desenvolva num contexto de letramento – entendido este, no que se refere à etapa inicial da aprendizagem da escrita, como a participação em eventos variados de leitura e de escrita, e o consequente desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, e de atitudes positivas em relação a essas práticas; em terceiro lugar, o reconhecimento de que tanto a alfabetização quanto o letramento têm diferentes dimensões, ou facetas, a natureza de cada uma delas demanda uma metodologia diferente, de modo que a aprendizagem inicial da língua escrita exige múltiplas metodologias, algumas caracterizadas por ensino direto, explícito e sistemático – particularmente a alfabetização, em suas diferentes facetas – outras caracterizadas por ensino incidental, indireto e subordinado a possibilidades e motivações das crianças; em quarto lugar, a necessidade de rever e reformular a formação dos professores das séries iniciais do ensino fundamental, de modo a torná-los capazes de enfrentar o grave e reiterado fracasso escolar na aprendizagem inicial da língua escrita nas escolas brasileiras. (SOARES, 2010, p.16)

Percebe-se, portanto, que o letramento não acontece apenas durante determinado tempo da vida do indivíduo, mas sim, antes e durante a sua alfabetização. Alfabetização e letramento são processos interligados, caracterizados por ações de desenvolvimento contínuo, cujo grau de evolução depende exclusivamente dos métodos de ensino e abordagens utilizados e do próprio interesse e capacidade que o aluno disponibiliza ou é disponibilizado para a sua própria evolução e aprendizagem.

Vale aqui considerar que é na escola que a criança terá o seu primeiro contato com a leitura e a escrita de uma maneira formal e nesse caso é preciso criar sistemas e métodos que façam com que a criança, em seu processo de aprendizado desenvolva conhecimentos e consiga se apropriar do sistema da escrita e com a língua de uma maneira geral.

Menciona Kleiman (2004) que o momento certo para o início das práticas de alfabetização é quando a criança se mostra disposta a aprender, pois as mesmas, na maioria dos casos, iniciam esse aprendizado mesmo antes de estarem no

ambiente escolar. A autora analisa também que quanto à escrita, as crianças iniciam o aprendizado nos mais variados contextos, porque a escrita faz parte da paisagem urbana, e a vida urbana requer continuamente o uso da leitura.

Segundo Vygotsky (1987) é através do contato com o material escrito e com o "outro" (interlocutor companheiro), a partir de trocas dialógicas que esse processo se constrói. As crianças constroem hipóteses sobre o processo de leitura/escrita, porém, este não é um processo puramente individual. É preciso entendê-lo como um processo inter e intra-subjetivo.

É fato que conforme na Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 1986) o ensino fundamental brasileiro possui anos e ciclos diferenciados e cada um deles se destina a um foco e tem objetivos específicos que ao todo vão formar a criança desenvolvendo as habilidades de leitura, escrita, raciocínio lógico, conhecimentos gerais, etc.

É no primeiro ciclo que o processo de alfabetização ocorre de maneira formal. Neste momento deve-se propor métodos que desenvolva a aprendizagem do sistema alfabético e ortográfico. Nesse caso, dentre outros fatores, é importante estimular o conhecimento cognitivo da criança, levando-a a refletir sobre a linguagem escrita para que ela perceba as informações, ou seja, leia por prazer, tenha motivação para pesquisar e adquirir novos conhecimentos.

Por outro lado, acrescenta Cosson (2007) que a aprendizagem da leitura e da escrita não se dá espontaneamente; ao contrário, exige uma ação deliberada do professor e, portanto, uma qualificação de quem ensina.

Exige planejamento e decisões a respeito do tipo, frequência, diversidade, sequência das atividades de aprendizagem. Mas essas decisões são tomadas em função do que se considera como papel do aluno e do professor nesse processo. (COSSON, 2007, p. 38)

Dessa forma, torna-se de grande relevância o preparo do professor no processo de alfabetização e letramento, pois, as práticas pedagógicas utilizadas pelo educador é que tornarão esse processo prazeroso e motivador para o aluno. E, para que se torne efetivo esse processo, é necessário que o profissional de educação esteja orientado sobre as finalidades e os meios da sua realização.

Cosson (2007) descreve que um dos primeiros passos para fazer com que a criança tome contato com a leitura escrita é fazer com que ela saiba de onde vem

tais práticas. Assim sendo, desde muito cedo é possível ir mostrando às crianças, livros ilustrados, contar histórias, mostrar recortes de jornais, revistas, letras que tenham no nome dele, chamar sua atenção para placas de trânsito, por exemplo, familiarizando a criança com o mundo da leitura.

Verifica-se então que a visualização de letras, símbolos, cores, palavras e sons em locais de lazer ou atividades lúdicas faz com que a criança compreenda que ler e escrever faz parte do cotidiano de todos e não é apenas uma necessidade para a vida escolar.

Ainda a esse respeito ensina Caiado (2007) que a leitura é tão importante na formação de um indivíduo que deve ser dirigida (por pais e professores) no sentido de se tornar uma atividade cotidiana do jovem, até que ele próprio o faça sem que seja obrigado, sendo uma fonte de mero prazer.

Com relação ao papel do professor, Pellegrini (2011) destaca que este profissional exerce um importante papel no incentivo à leitura nas fases iniciais de alfabetização. Ao sondar, acompanhar, propor diversificados textos, com dificuldades diferentes para o aluno, ele amplia seus horizontes de expectativa não só, mas também, ante os conteúdos, temas, conceitos ou histórias que tais textos veiculam. O aluno terá a possibilidade de conhecer diversas maneiras de interpretar, representar, ou captar o mundo pela palavra.

Caiado (2007) também diz que uma das mais importantes tarefas do professor é despertar o prazer pela leitura, colocar o aluno em contato com diferentes linguagens, criar espaços para a formação do leitor. Formar o leitor é formar o sujeito capaz de ler o mundo, de entender o mundo, de criticar, de interferir e construir o mundo. Quando se forma o leitor, forma-se o coautor do texto.

Maricato (2009) aponta que toda a ação para a formação do leitor começa e é permanentemente acompanhada por uma campanha de informação sobre a natureza da leitura e o que nela está em jogo. Ninguém, seja criança ou adulto, torna-se leitor sem querer, mas por um processo voluntário, apoiado em múltiplas tomadas de consciência sobre as condutas de leitura e a maneira de aprender.

Barbosa (1991) diz que a função do educador seria a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Segundo o autor “se a questão da leitura é mobilizadora e de interesse para o professor, seu próprio comportamento de leitor, as estratégias

utilizadas por ele e as dificuldades que encontra irão sendo revistas” (BARBOSA, 1991, p. 42).

Para Soares (2010, p. 66) aprende-se a ler vendo outras pessoas lendo, prestando atenção às leituras que o professor realiza oralmente, tentando ler, experimentando e errando, em um processo cujo resultado inicial será seguramente menos convencional do que o esperado, mas não muito diferente do que se produz com outras aprendizagens.

Desse modo, o trabalho do professor inicialmente precisa abordar as múltiplas linguagens, ou seja, precisa considerar as formas próprias de cada sujeito se utilizar destas linguagens de maneira articulada. Precisa dar lugar às diferentes formas de entender, de explicar, de interpretar e de simbolizar na sala de aula, através de gestos, sinais, símbolos e signos e em diferentes situações de interlocução possíveis.

De acordo com Cagliari (2009), o professor deve dar oportunidade para que, mesmo a criança não letrada, crie símbolos próprios e, da mesma forma que saberá reconhecer seu símbolo, aprenderá tendo a oportunidade de descobrir que as pessoas, os objetos, enfim o mundo pode ser representado de diferentes formas, sendo uma delas a linguagem escrita. O aluno poderá, também, ter um encontro com si próprio, com o outro e com o mundo que o cerca, através de outra linguagem, diferente das demais, que favorece múltiplas formas de ser, dizer e sentir, de expressar-se e de representar o mundo à sua forma.

De acordo com Rizzi e Haydt (2006) a alfabetização se inicia com a memorização dos chamados grupos semânticos, cada um reunindo palavras relacionadas a um tema significativo para o aluno. Assim, por exemplo, os nomes dos brinquedos formam um grupo semântico; os da casa e de seus objetos, outro; os dos animais, um terceiro; os de pessoas, um quarto.

Os grupos semânticos familiarizam a criança com muitas palavras diferentes, levando-a ao mesmo tempo a perceber que várias delas têm sons iguais, representados pelos mesmos "pedacinhos" (as sílabas). Ao observar pessoas lendo, ela logo descobre como juntar uma ou mais sílabas de uma palavra com uma ou mais sílabas de outra para formar uma terceira. A partir do grupo "gaiola", "chaleira" e "porta", por exemplo, ela pode chegar a "gata", "lata", "gaita", "chata" e por aí afora (RIZZI; HAYDT, 2006, p. 94).

Nesse caso, além de o professor dever trabalhar com os grupos semânticos, é bom ter na classe um alfabeto fixo na parede e outro, móvel, espalhando um grande número de palavras escritas, de todos os tipos, pelas paredes da classe (RIZZI; HAYDT, 2006).

Outro método interessante descrito pelas autoras é o professor todos os dias iniciar as aulas sentando-se em círculo com as crianças e pedindo a elas para contar as novidades acontecidas desde o dia anterior. Durante a conversa, pode-se ir escrevendo em papel (qualquer um: sulfite, manilha, de embrulho, verso de folhas já escritas), com letras grandes, as palavras utilizadas pelos alunos classe (RIZZI; HAYDT, 2006).

Fazer a primeira leitura das palavras ou textos escritos que serão apresentados em sala de aula em voz alta, acompanhando cada linha com o dedo, o lápis ou outro objeto é também uma forma eficaz de mostrar aos alunos cada palavra e as suas formações de frases. Além disso, pode-se convidar os alunos a ler junto, coletivamente para que todos participem ao mesmo tempo da atividade classe (RIZZI; HAYDT, 2006).

No processo de apresentação de letras e palavras o professor ainda pode pedir às crianças para copiar no caderno as palavras escritas, o próprio nome e o dos coleguinhas. Pode-se sugerir que as crianças façam desenhos, pois estes vão mostrar a elas que as letras, os números e outros símbolos não são rabiscos sem sentido, mas possuem um significado, que pode ser apreendido por quem lê (RIZZI; HAYDT, 2006).

Soares (2010) ensina que o hábito de ler ou contar histórias constitui um precioso instrumento para o relacionamento, trata-se de um momento de aproximações, descontração e troca.

De acordo com Magalhães (1999) a leitura passa a ter uma importância muito grande, pois favorece as relações afetivas entre alunos e professores propiciando um momento de maior aproximação entre eles, pois:

- Possibilita ampliação de vocabulário, organização de pensamento numa sequência lógica (começo, meio, fim).
- Estimula a fantasia e a criatividade, desenvolvendo a imaginação.
- Ajuda a criança a elaborar e refletir sobre seus medos, ansiedades e perdas.
- Ajuda a criança a ter um posicionamento crítico, responsável e construtivo nas diferentes situações sociais, participando nas mediações de conflitos e nas decisões coletivas.

- Melhora a utilização da linguagem para aperfeiçoar a qualidade de suas relações pessoais, sendo capaz de expressar seus sentimentos, suas ideias e opiniões, relatar experiências, acolhendo, interpretando, considerando e respeitando os diferentes modos de falar (MAGALHÃES, 1999, p. 124).

Magalhães (1999, p.125) complementa dizendo que “quanto mais cedo as crianças tiverem contato com histórias orais e escritas, maiores serão as chances de gostarem de ler”.

É neste contexto e levando em consideração que as crianças necessitam ser incentivadas, ter sua imaginação despertada e desenvolverem o interesse pela leitura que se abre espaço para a realização do projeto de intervenção com as crianças na Escola Municipal Milton Campos.

## 4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta seção tem como objetivo apresentar a metodologia aplicada durante a elaboração do trabalho de conclusão de curso e do projeto de intervenção que foi realizado com grupo específico alunos matriculados em uma turma do 2º ano do 1º ciclo da Escola Municipal Milton Campos (EMILCAM).

O projeto foi realizado nos meses de agosto a outubro de 2014. O desenvolvimento da pesquisa proposta, quanto à abordagem foi do tipo qualitativa, que de acordo com Godoy (1995) não procura enumerar ou medir eventos de forma estatística, pois seu foco de interesse é fazer com que o pesquisador compreenda e interprete os fenômenos de acordo com a perspectiva dos participantes da situação estudada. André (2008, p. 52) também descreve que a pesquisa qualitativa “compreende em um conjunto de técnicas interpretativas, que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados”.

Para André (2008) a pesquisa qualitativa possibilita um maior contato direto do pesquisador com seu objeto de pesquisa. Além disso, “realiza uma dinâmica de trabalho que leva uma reflexão sobre a própria prática, a um processo de compreendê-la, analisar e buscar elementos para reformulá-la (ANDRÉ, 2008, p. 41)”.

Seguindo esta perspectiva este foi o tipo de pesquisa mais indicado para atingir aos objetivos propostos neste estudo, que foi verificar como as obras literárias podem contribuir para o processo da aquisição da compreensão da leitura e escrita.

Nesse caso, de maneira prática foi realizada uma intervenção em sala de aula, cujo método adotado é a observação participante baseada nas aulas e nas interações entre os alunos envolvidos tendo como alvo as práticas de leitura desenvolvidas. Foram explorados também outros instrumentos para coleta de dados como registro das aulas e observações no diário de campo, fotografias, conversa com os alunos e pais, filmagens e reflexões.

Quanto aos fins, esta pesquisa foi do tipo descritiva. Escolheu-se o estudo descritivo, pois este, de acordo com Godoy (1995) permite estudar fatos e fenômenos relacionados a uma determinada população ou grupo, estabelecendo correlações entre as variáveis. André (2008) destaca que a pesquisa descritiva se

preocupa em observar os fatos, os registrar, os analisar, os classificar e os interpretar, mas sem ser interferida pelo pesquisador.

Estudos descritivos são comumente usados em pesquisas qualitativas e em estudos de caso. Por essas razões e com base no conceito apresentado é que este tipo de pesquisa é o escolhido, pois o estudo descreveu a influência e a utilização de obras literárias no desenvolvimento das práticas de leitura e escrita em crianças em idade de alfabetização.

Destaca-se, ainda, que, quanto aos meios, a pesquisa realizou-se por meio de um Estudo de Caso. De acordo com André (2008) o estudo de caso tem como função trabalhar com grupos e identidades, sem generalização, já que estuda as manifestações de um grupo específico. Este se aplica à pesquisa proposta já que examinou um grupo específico de alunos matriculados em uma turma do 2º ano do 1º ciclo da Escola Municipal Milton Campos (EMILCAM).

A turma já faz parte da atividade profissional da pesquisadora e neste caso, houve o interesse em realizar atividades dinâmicas e motivadoras que ajudassem os alunos tanto a desenvolver novas habilidades de leitura e escrita como também fossem incentivados a desenvolver o hábito da leitura em seu dia a dia.

Durante as práticas profissionais a pesquisadora se deparou com diferentes questionamentos tais como:

- Que influências a literatura traz para a compreensão de textos?
- De que forma devemos trabalhar com as obras literárias a fim de levar os alunos a compreensão da leitura, além do prazer de ler?
- Como ler?
- Que estratégias podemos utilizar para que os alunos consigam compreender o que estão lendo?
- Qual a frequência de leituras que devemos usar em sala de aula de forma que tais atividades não se tornem maçantes?

Buscando responder a estes questionamentos e desejando realizar uma atividade com as crianças que aliasse o processo de alfabetização, desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita e o despertar do gosto pela leitura foi criado o

projeto baseado no livro “Romeu e Julieta” de Ruth Rocha, que se inspirou no romance de William Shakespeare do mesmo nome.

O livro de Ruth Rocha foi publicado em 2009 pela editora Moderna, em São Paulo.

Escolheu-se o citado livro diante da possibilidade de levar para os alunos uma história que possui grande representatividade nos dias de hoje e ao mesmo tempo apresenta qualidade textual, imagens ilustrativas e uma estética que se adequa à faixa etária das crianças.

Com base na história do livro foram planejadas uma série de atividades que consistiram em diferentes dinâmicas, tais como, leitura do livro pela professora, rodas de conversa, atividades de desenhos e desenvolvimento da imaginação, apresentação do filme “Gnomeu e Julieta”, baseado na obra original de William Shakespeare, atividades escritas, reconto da história, elaboração de teatro, dentre outras.

É importante ressaltar que a construção deste plano de ação teve em vista o objetivo geral do presente trabalho de conclusão de curso que é verificar como as obras literárias podem contribuir para o processo da aquisição da compreensão da leitura e escrita.

Os resultados obtidos com a aplicação e desenvolvimento do plano de ação estão descritos e detalhados a seguir.

## 5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A seção a seguir tem como objetivo apresentar os procedimentos realizados para o desenvolvimento do projeto baseado no livro “Romeu e Julieta” de Ruth Rocha, que se inspirou no romance de William Shakespeare do mesmo nome.

No Quadro 1 abaixo encontram-se os devidos planejamentos das atividades que foram realizadas durante o projeto de intervenção.

Período	Atividade	Objetivo
1ª e 2ª semana	Apresentação do livro: Romeu e Julieta (Ruth Rocha) e entrega dos livros para cada criança	Instigar a curiosidade e o interesse dos alunos pela obra. Apresentar a autora Ruth Rocha e sua biografia. Levantar hipóteses sobre a história através da capa do livro
3ª 4ª 5ª semana	Leitura do livro junto com a turma	Ativar conhecimentos dos alunos através de antecipação, predição e checagem de hipótese. Despertar e aguçar a curiosidade dos alunos para continuidade da história bem como o seu final.
6ª semana	Filme: Gnomeu e Julieta	Levar os alunos a conhecer um filme baseado na obra de Shakespeare para contrastar com o livro a ser trabalhado (Romeu e Julieta).
7ª 8ª 9ª semana	Leitura do livro Romeu e Julieta de William Shakespeare adaptação de Renata Pallottini pela professora	Promover a leitura de uma obra literária explorando as ideias principais do texto, levando o aluno a conhecer a história original de Romeu e Julieta. Desenvolver a capacidade de ouvir com compreensão, envolvimento e avaliação crítica. Estimular a oralidade e a formação de opinião.
10ª e 11ª semana	Atividades escritas e orais sobre a história	Sistematizar a leitura Possibilitar ao aluno uma melhor compreensão do conteúdo da história. . Refletir sobre a natureza alfabético-ortográfica do sistema de escrita Localizar informações explícitas e implícitas Compreender globalmente a história
12ª e 13ª semana	Reescrita coletiva da história; Construção de um livro com a reescrita e ilustrações da turma.	Promover a reescrita da história, desenvolvendo a capacidade de narrar fatos na ordem lógico-cronológica. Apreender as ideias principais para elaborar a síntese.
14ª semana	Comparação das obras: de William Shakespeare e Ruth Rocha e filme: Gnomeu e Julieta	Relacionar textos e compará-los, identificando temática de fundo, desfecho, personagens.
15ª semana	Elaboração de um teatro sobre a obra	Favorecer o trabalho interdisciplinar incentivando a imaginação e a criatividade
16ª semana	Apresentação do teatro realizado pelas turmas envolvidas no projeto	Elaborar texto para teatro Relacionar oral e escrito Ler textos e decorar falas

**Quadro 1: Cronograma do projeto de ação**

Crédito: Elaborado pela autora e pesquisadora (2014)

Como se pode perceber por meio da apresentação do Quadro 1, o projeto de ação foi realizado durante 16 semanas em que foram desenvolvidas atividades

planejadas que consistiam em apresentar aos alunos participantes uma didática dinâmica e motivadora que possibilitasse o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita bem como despertassem nos alunos o interesse em continuar lendo ao longo de sua vida e educação.

De acordo com Soares (2010) a utilização de atividades lúdicas que integram os alunos em sala de aula faz com que estes se envolvam em um projeto de forma prazerosa. No caso de atividades ligadas à leitura e escrita, Soares (2010) destaca ainda que é preciso que o professor consiga integrar em um mesmo projeto atividades que consistam em aquisição de conhecimentos relacionados ao alfabeto, palavras, letras, símbolos; atividades gráficas utilizando imagens desenhos e filmes, atividades que desenvolvam a capacidade interpretativa, atividades que desenvolvam a imaginação.

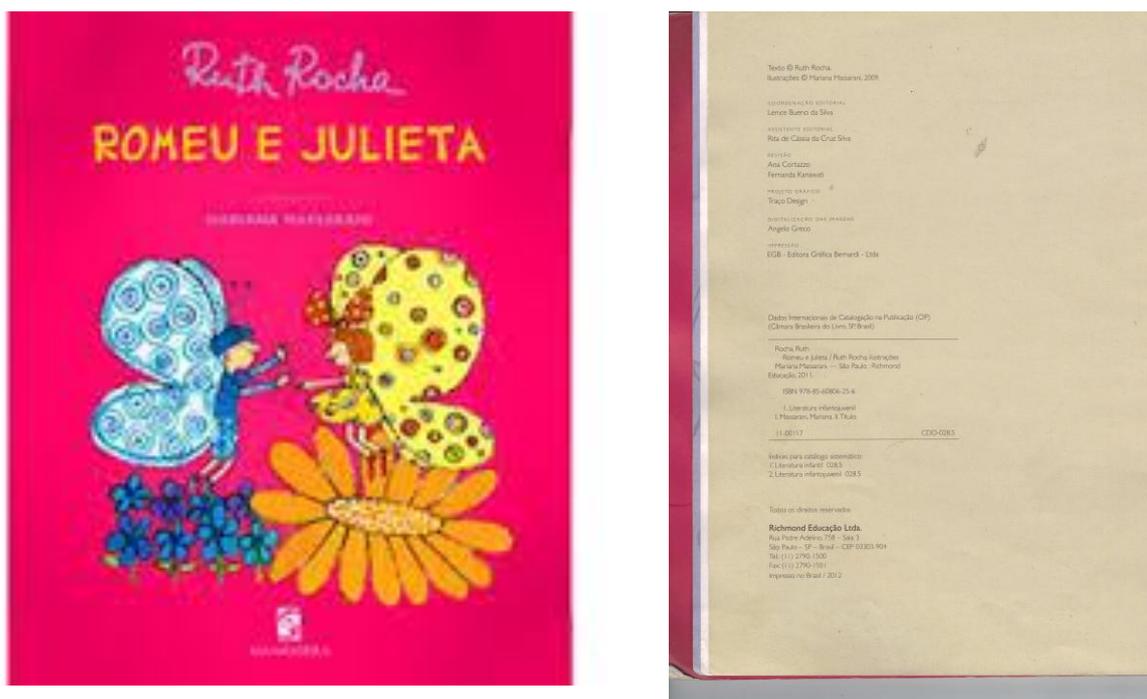
Foi com base nestes ensinamentos que ao evidenciar a literatura infantil no plano de ação no processo de alfabetização e letramento pensou-se no ensino contextualizado, lúdico e prazeroso. A literatura infantil tem sua importância no âmbito educacional e social, pois envolve a formação da criança leitora considerando os aspectos de criação, imaginação e produção. De fato, a preparação para a realização do plano criou grandes expectativas no que se refere ao interesse dos alunos e ao cumprimento do projeto. Entretanto, além dele havia o calendário escolar a cumprir, o que poderia interferir diretamente no processo do plano.

Trazer o livro de literatura infantil para o processo de alfabetização e letramento não significa apenas entender este instrumento pedagógico como algo descontraído e desvinculado das atividades rotineiras. Além do espaço preparado para a leitura descontraída que precisa ser estrutura obrigatória da instituição escolar, a literatura infantil precisa estar dentro das salas de aula como trabalho pedagógico. Este trabalho pedagógico tenciona oferecer conhecimentos de leitura, isto é, a interpretação e compreensão do texto a ser valorizado, considerando o livro em si. Foi nessa direção que se pensou em atividades variadas como leitura protocolada, leitura silenciosa, exibição de vídeo, atividades em grupo, montagem de um livrão e de interpretação em apostila etc.

Para isso, iniciou-se o trabalho em questão. Nas primeiras semanas (1ª e 2ª) as atividades do projeto consistiram na apresentação inicial do mesmo. Neste caso os alunos foram organizados em uma roda em um local agradável da escola, ao ar livre, onde a pesquisadora e professora apresentou um embrulho com uma caixa

decorada com flores e vasos de diferentes tipos de flores, remetendo à capa do livro. Foi feito um “suspense” antes de desembulhar o conteúdo e ao retirar o livro da caixa foram explorados os primeiros elementos na CAPA.

Na Figura 1 encontra-se apresentada a capa e contracapa do livro, com a qual a professora realizou as primeiras atividades e o primeiro contato das crianças com o livro de Ruth Rocha.



**Figura 1: Capa e contracapa do Livro “Romeu e Julieta”**  
Crédito de fotos a Simone Marinho (2014)

Foi realizada a leitura na contracapa onde havia as informações da autora e ilustradora. Foram mostrados aos alunos a foto da autora e ilustradora, deixando claro para o aluno em que contexto a história foi produzida.

A primeira intervenção realizada foi composta de algumas perguntas sobre a ilustração da capa. A partir da resposta dos alunos foi solicitado a cada aluno que fizesse uma ilustração sobre a CAPA.

O trabalho foi executado para que os alunos identificassem elementos essenciais da capa e reconhecer o portador de texto “Livro”. Com exceção de quatro alunos que se encontram ainda em processo de alfabetização, os vinte alunos identificaram a capa e ressaltaram seus elementos. O fato dos quatro alunos não lerem os elementos gráficos da capa não impediu que eles desfrutassem do prazer da atividade.



**Figura 2: ilustração da capa feita por um aluno**  
Crédito a Simone Marinho (2014)

A atividade proposta apresentou muitos pontos positivos e foi identificada uma grande aceitação por parte das crianças com relação ao projeto proposto. Uma relevante resposta das crianças já ocorreu no início do projeto, logo após a atividade de apresentação da capa, pois houve crianças que trouxeram de suas casas capas de outros livros e revistinhas em quadrinhos para mostrar para a professora e seus colegas.

O objetivo das crianças ao apresentar novas capas foi repetir a atividade de desenho realizada e nesse caso pode-se perceber a motivação e o prazer que as crianças tiveram em realizar a atividade proposta.

Um dos alunos assim relatou:

**“Professora que atividade gostosa essa da capa...  
Podemos fazer toda semana” (JORGE, 21/08/2014).**

As atividades foram finalizadas com a devida entrega do livro para cada criança, deixando com que eles manuseassem o livro, olhassem as ilustrações, imaginassem o que iria acontecer a partir das figuras e comparassem com a capa produzida por eles.

De acordo com Kleiman (2004) a utilização de imagens e figuras é uma ação de grande relevância para despertar nas crianças a imaginação e a vontade de ler ou ouvir uma história.

Por meio da atividade proposta foi possível despertar já de início o interesse dos alunos em conhecer o conteúdo da história que seria apresentada em seguida.

Literatura não se aprende, vivencia-se, convive-se, e ensaiar esta troca em um meio escolarizado é dar subsídios a quem não tem acesso à leitura da literatura. Tendo em vista essa premissa, durante a leitura da história foi feito um suspense, colocando o livro numa caixa enfeitada, buscando aguçar a curiosidade dos alunos. A sala foi enfeitada com vaso de flores coloridas fazendo alusão a um jardim. Isso pareceu funcionar bem, uma vez que os alunos ficaram interessadíssimos nas atividades. Durante o projeto melhorou a frequência dos alunos e o horário das atividades era aguardado com ansiedade por eles.

A Figura 3 mostra as imagens das flores.



**Figura 3: Flores coloridas enfeitando a sala**  
Crédito a Simone Marinho (2014)

Após a apresentação falou-se acerca da biografia de Ruth Rocha e dos objetivos ao serem alcançados com o projeto. Essa explicação fazia-se necessária uma vez que dando sentido ao que estava sendo realizado poderíamos contar com a integração dos alunos à atividade. Como afirma Kleiman (2008, p. 10), “para

construir um contexto de aprendizagem mediante a interação, o aluno deve conhecer a natureza da tarefa e deve estar plenamente convencido de sua importância e relevância”.

Durante as 3<sup>a</sup>, 4<sup>o</sup> e 5<sup>o</sup> semanas, conforme se verifica no Quadro 1 foi realizada a devida leitura do livro. O primeiro passo durante todas as leituras foi a organização dos alunos em uma roda onde a atenção de todos estava voltada para a leitora (professora). Para Magalhães (1999) organizar os alunos de forma com que eles não tenham a atenção dispersada é relevante para que os mesmos se envolvam na atividade e prestem atenção na leitura.

Pellegrini (2011) complementa dizendo que é preciso que o professor faça a leitura de forma gradativa, em um tom que possibilite a escuta de forma eficaz e permita aos alunos compreender as palavras.

Segundo Soares (2007), no seu artigo “Escolarização da Literatura Infantil”, a interpretação e compreensão do texto a ser valorizado, deve ser feita considerando o livro em si. Isso significa que o professor deve valorizar o conteúdo do livro, ressaltando seu texto ou história e incentivando os alunos a compreender este conteúdo.

A autora afirma ainda que, ao propor literatura infantil em sala de aula, devemos primeiramente lembrar-nos da escolarização que é inevitável quando dela a escola se apropria. Então o que podemos diferenciar é a prática adequada e inadequada deste conhecimento.

Nota-se que o desenvolvimento das atividades de leitura do livro está de acordo com a literatura pesquisada já que durante todas as leituras foram organizadas rodas aconchegantes para o aluno e a professora (leitora) realizaram a leitura de forma gradativa.

A partir da leitura protocolada o professor foi solicitando hipóteses do que ocorreria posteriormente e os que já conheciam a história iam contribuindo com suas respostas. Foram feitas perguntas do seguinte tipo: **“Será que Romeu irá sair do canteiro para conhecer outros jardins?”; “Vocês acham legal os jardins sendo separados por cores?”; “Como se sentiriam se não pudessem sair para brincar com os amigos como Romeu que ficava só no canteiro azul?”**

Os alunos foram unânimes em responder que não teria graça nenhuma jardins separados por cor. Para ser jardim teria que ter: vida, alegria e muita cor, conforme pode ser observado nos trechos abaixo:

**“Brincar sozinho não dá nem para imaginar, que tédio seria” (VITOR em 15/10/2014)**

**“Ninguém conseguiria viver sem amigo, professora. Nós devemos conviver com os outros” (STEFANY em 15/10/2015)**

**“Espero que Romeu consiga mudar a situação, podendo visitar outros canteiro” (SABRINA, 18/10/2015).**

No estudo citado acima Soares (2010) afirma que a prática adequada ao conhecimento é aquela que conduz o leitor a realizar este saber e a assimilar em suas práticas sociais internalizando o conhecimento para uso próprio. Já a inadequação da escolarização da literatura infantil pode-se dar no simples fato de limitar o conhecimento em certos autores ou obras simplificando o conhecimento literário. O adequado é chegar ao complexo da compreensão do literário na busca constante da leitura literária, isto é, de formar sujeitos capazes de compreender o diferente e saber buscar o novo. Para que este conhecimento literário se concretize na prática é preciso um ambiente propício que leve os ouvintes à leitura e profissionais que entendam o verdadeiro significado da literatura.

A 6ª semana de atividade consistiu na apresentação do Filme: Gnomeu e Julieta. Neste momento foram feitas as seguintes atividades:

- Explicação de que o filme é baseado na história de Shakespeare,
- Exibição do filme que conta a história de dois anões de jardim que vão enfrentar obstáculos para viver um amor proibido. O Sr Capuleto e Sra Montéquio têm uma rixa há anos que ninguém lembra por que tudo começou. Um gnomo vermelho do jardim Sr Capuleto nunca poderá se misturar com os gnomos azuis do jardim de Sra Montéquio.

Já nas semanas 7, 8 e 9 foi realizada a leitura do livro Romeu e Julieta de Willian Shakespeare adaptação de Renata Pallottini pela professora. Durante essas semanas foram realizadas as devidas explicações de que a história original foi escrita por Shakespeare e que a obra em questão é uma adaptação de Renata Pallottini. Foi Também apresentada a biografia de ambos.

Este foi um momento muito importante e os alunos ficaram “fascinados” com a história, pois perceberam que os personagens eram humanos, enquanto na história de Ruth Rocha eram borboletas. Os alunos ficaram curiosos em saber se os

personagens se casariam, se iriam fugir para ficar juntos e realizaram muitas perguntas para a professora, o que demonstra o interesse pela história e pelo projeto.

A seguir a fala de uma aluna refletindo sobre o futuro dos personagens:

**“Eles poderiam fugir para casarem escondidos” (LEILA em 20/10/2015).**

E outra aluna complementa:

**“Se eles se gostam, têm que ficar juntos” (CAMILA em 20/10/2015).**

Outro aluno pergunta:

**“Por que as famílias convivem bem? Eles precisam aceitar o namoro do Romeu e Julieta” (BRUNO em 21/10/2015).**

Por meio das falas apresentadas é possível perceber a interatividade dos alunos e de acordo com Rizzi e Haydt (2006) quanto maior for a interatividade entre os alunos maior serão as possibilidades de reflexões e interpretações por parte das crianças o que contribui significativamente para o processo de alfabetização e letramento, já que a criança passa a compreender o texto que está sendo lido.

Os alunos se interessaram tanto pela história, que entenderam até mesmo o momento da morte dos personagens, como se pode observar por meio da fala de uma aluna:

**“Que prova de amor né professora? Um não queria ficar sem o outro” (MARIZA em 03/10/2014).**

E outro aluno complementa:

**“Como eles vão ficar juntos se eles morreram?”.  
(ROGÉRIO em 03/10/2014).**

E outra aluna responde:

**“Agora os pais deles vão se arrepender de não terem**

**deixado os dois ficarem juntos. Agora vão chorar muito” (DENISE em 03/10/2014).**

Nota-se que o interesse dos alunos pela história acabou gerando novas discussões sobre a morte, compreensão dos pais sobre namoro e etc. Esses são assuntos interessantes que devem ser apresentados às crianças de forma lúdica e tranquila para que as mesmas compreendam o sentido da morte, por exemplo.

Além da leitura na sala, houve momentos na biblioteca nos quais os alunos fizeram a leitura do livro a sua maneira. Cosson (2007) afirma que formar leitores implica em analisar profundamente para quê se quer exercer essa formação.

Nas Figuras abaixo pode-se visualizar o momento em que as crianças foram até a biblioteca da escola realizar as atividades propostas:



**Figura 4: visita dos alunos à biblioteca**  
Crédito a Simone Marinho (2014)

A partir da 10<sup>a</sup> semana foram propostas uma série de atividades complementares. Em dupla e de posse do livro, as crianças deveriam realizar as atividades envolvendo localização de informações explícitas e implícitas, compreensão global do texto, análise de palavras, cruzadinhas, caça-palavras e textos lacunados. Além disso, realizou-se atividades no data show trabalhando partes da história de forma coletiva.

Nas Figuras abaixo, estão apresentados exemplos das atividades realizadas:



**Figura 5: Atividades realizadas pelas crianças**  
 Crédito a Simone Marinho (2014)



**Figura 6: Caça palavras**  
 Crédito a Simone Marinho (2014)



**Figura 7: atividades em sala de aula**  
Crédito a Simone Marinho (2014)

A realização das atividades propostas despertou grande interesse nos alunos. Na fala de JORGE, é possível perceber o prazer em realizar a atividade:

**“Professora, que atividade gostosa! É um quebra-cabeça? Podemos fazer toda semana?” (JORGE, 25/10/2015).**

Verifica-se o interesse do aluno em realizar a atividade e a solicitação para fazer novas atividades parecidas, o que indica seu prazer e motivação pelo exercício proposto.

Na 12<sup>a</sup> e 13<sup>a</sup> semanas foram realizadas atividades de reescrita coletiva da história e a construção de um livro com a reescrita e ilustrações da turma. Para realizar tal atividade, os alunos foram agrupados em grupo. Receberam uma folha A3 com um parágrafo no qual eles deveriam ilustrar, utilizando diversos materiais. Os alunos também receberam fotocópia com o texto reescrito por eles.

No APÊNDICE 1 deste trabalho está apresentado o original da atividade desenvolvida pelos alunos.

Os alunos ao realizarem a atividade de reescrita do livro tiveram sensações de prazer e estima elevada, pois, puderam expor todo sentimento em relação ao

projeto. Além disso, foi possível perceber que todas as informações dadas a eles foram sendo aproveitadas em um texto bastante coeso, mesmo aqueles que conseguiram produzir pequenas frases.

Vale citar que durante a atividade a professora e pesquisadora fez questão de ressaltar para os alunos os seus avanços com relação à escrita e a produção de frases. Além disso, foram feitos atendimentos individuais onde a mesma chamava cada aluno à sua mesa, dava orientações e esclarecia dúvidas.

Tal ação fazia com que os alunos se sentissem mais seguros e motivados para desenvolver as atividades propostas.

Após a realização da atividade proposta os alunos, a cada dia, queriam realizar novas atividades similares, produzindo novos textos e desenvolvendo-se cada vez mais na leitura e na escrita.

A 15ª semana do projeto consistiu no desenvolvimento de um teatro sobre a obra. A elaboração do teatro foi baseada na obra de Ruth Rocha envolvendo também a outra turma que participou deste plano de ação. Sendo que uma turma representou o canteiro amarelo e a outra o canteiro azul. Foram feitas reuniões no pátio da escola para ensaios.

O teatro foi apresentado na 16ª semana na quadra da escola com a participação dos alunos de outras turmas do 1º ciclo e pais. Foram realizadas decorações no ambiente com painéis, borboletas, bichos, canteiros, música ambiente e sonorização dos bichos da floresta.

Com o teatro, os alunos desenvolveram ainda mais a oralidade, a capacidade de realizar trabalhos em grupo e ajuda mútua.

O teatro foi de grande relevância no desenvolvimento sociocultural dos alunos que desenvolveram uma maior independência, perderam a timidez e expressaram uma série de sentimentos através de palavras e atitudes.

Em sala de aula as mudanças também foram notadas pois aqueles alunos que tinham vergonha para perguntar e tirar dúvidas ficaram mais seguros e passaram a ser mais questionadores, utilizando uma linguagem nítida e de fácil compreensão.

A variação de abordagem de uma história implica na construção e uso de uma metodologia mais adequada para a formação do leitor literário, promovendo como práticas literárias na escola a leitura efetiva dos textos, rompendo com atividades que exigem o domínio das informações sobre a literatura ou que impera a ideia que

o importante é que o aluno leia, não importando o quê, pois o que o importa é prazer de ler. Como indica Cosson, “Ao contrário, é fundamental que seja organizada segundo os objetivos da formação do aluno, compreendendo que a literatura tem um papel a cumprir no âmbito escolar.” (COSSON, 2007, p. 23). Papel este que permita que leitura literária seja exercida não só com prazer, mas com o compromisso de conhecimento, já que na escola, a literatura é um lócus de conhecimento e deve ser desenvolvida de maneira correta com o objetivo de formar o sujeito culturalmente, mais crítico e humanizado. Veja esse exemplo:

**“Professora, por que nossos livros didáticos não tem atividades como essas da apostila?” (CAMILA em 03/11/2015)**

**“Elas são tão legais, fico muito curiosa para achar as respostas, é divertido, gostoso” (STEFANY em 03/11/2015)**

Nota-se que pelas falas apresentadas os alunos questionaram o atual material didático oferecido pela escola que não possui as atividades motivadoras e dinâmicas como o material produzido especialmente para a realização do projeto de intervenção.

No entanto, o educador precisa ter clareza de suas escolhas para não correr o risco de substituir a qualidade do material literário pela quantidade de material oferecido ao aluno como critério de letramento literário. Para isso, Cosson (2007) defende que:

As práticas de sala aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura das obras. A literatura é uma prática e um discurso, cujo funcionamento deve ser compreendido criticamente pelo aluno. Cabe ao professor fortalecer esta disposição crítica, levando seus alunos a ultrapassar o simples consumo de textos literários. (COSSON, 2007, p. 47)

Por sua vez, Rojo (2008) trata das alterações do conceito de letramento, refletindo sobre as mudanças sociais nos modos de ler, de produzir e de fazer circular textos. Os processos que designam os sistemas de significação e a produção de significado na presença de linguagens híbridas passam a ser conjuntos de significação, devido à combinação entre linguagens. Assim, essa autora destaca que, na multissemiose, existem aspectos que implicam relações diferenciadas no ato de leitura, ao argumentar que já não basta mais a leitura do texto verbal escrito “é preciso colocá-lo em relação com um conjunto de signos de outras modalidades de

linguagem (imagem estática, imagem em movimento, fala, música) que o cercam, ou intercalam ou impregnam [...]” (ROJO, 2008, p. 584).

Foi possível perceber que o uso do livro, vídeo, de dramatização da pasta literária e a busca pelas versões variadas da obra na biblioteca, as inúmeras perguntas relacionadas ao projeto foi um exemplo da multissemiose anunciado por ROJO (2008).

Foi crescente o interesse por literatura, a ampliação da compreensão de gêneros textuais durante a execução do projeto, a fluência e a oralidade dos alunos, principalmente daqueles que ainda não se encontravam alfabetizados. Outro fenômeno observado foi a crescente solidariedade entre os alunos, principalmente entre alunos em estágio avançado de alfabetização e alunos com dificuldades. Eles observaram que assim como na história, a sala de aula e a família é importante juntar-se para ajudar-se mutuamente.

Ao final do projeto percebeu-se muitos pontos positivos mas aqui vale citar o caso da aluna Janaína, que era uma criança com dificuldades de leitura e escrita, a qual cotidianamente a professora necessitava ajudar nas suas atividades.

Após a realização de todas as atividades do projeto pode-se perceber uma grande evolução na aluna, pois hoje já consegue ler com maior fluência e escrever as palavras com a grafia correta.

A evolução da aluna pode ser percebida em sua própria fala:

**“Professora estou aprendendo muito! É muito legal! Vamos fazer outro projeto?” (Janaína em 18/11/2014).**

Outro fator positivo foi o interesse da escola e da equipe de professores em realizar novos projetos com os alunos. Em 2015 a direção da escola já autorizou a realização de novos projetos, novas atividades e novas descobertas para os alunos.

O interesse por novos projetos também partiu dos próprios alunos, como é possível perceber nas falas a seguir:

**“Porque a escola toda não faz esse projeto? Eles vão gostar muito” (Denise em 18/11/2015).**

**“Adolfo (Diretor da escola) o trabalho está tão legal ... Compra outros livros pra gente continuar o projeto?” (Camila em 18/11/2015)**

Desta forma é possível afirmar que esse projeto proporcionou a expansão da compreensão do trabalho com literatura. Ver o crescente interesse pela leitura, a melhoria na fluência, as novas descobertas, a formação de opinião e a grande aquisição de conhecimento comprovou a hipótese inicial de que a variação da abordagem a partir de atividades diversas realmente contribuem para fomentar nos alunos o gosto pela leitura.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do projeto de intervenção teve como objetivo geral verificar como as obras literárias podem contribuir para o processo da aquisição da compreensão da leitura e escrita.

Para que o objetivo proposto fosse atingido foi realizado um projeto de intervenção na escola Municipal Milton Campos (EMILCAM) em uma turma do 2º ano do 1º ciclo durante os meses de agosto a outubro de 2014.

O projeto constou de uma produção literária, uma releitura, baseada no livro Romeu e Julieta de Ruth Rocha, inspirado no famoso romance de William Shakespeare.

Em um primeiro momento vale considerar que o processo de alfabetização de crianças deve ser realizado de modo a fazer com que esta criança não apenas aprenda a ler e a escrever, mas se torne uma criança capaz de compreender textos e despertar o gosto pela leitura e pela busca de novos conhecimentos.

Para tanto, como se verificou ao longo da revisão de literatura, o processo necessita desenvolver e implementar atividades interativas que despertem o interesse e a motivação dos alunos.

Verificou-se que de fato o projeto atendeu aos objetivos propostos pois os alunos estiveram integrados em torno de atividades lúdicas, mas ao mesmo tempo, extremamente relevantes para desenvolver o processo de alfabetização.

Parte dos alunos no início do projeto não tinha o devido domínio da leitura e da escrita e na maioria das atividades realizadas em sala de aula, até então, havia a necessidade da intervenção direta da professora, auxiliando os alunos a realizar a leitura da atividade e até a escrever as palavras propostas.

Hoje, a situação é bem diferente. As crianças estão muito mais motivadas e desenvolvidas. Realizam produções literárias com mais facilidade e a todo momento solicitam novas atividades parecidas com a atividade realizada por meio do projeto de intervenção.

O avanço é nítido e de acordo com os professores e coordenadores da escola há uma sensação de prazer e positivismo da parte de todos, pois os alunos desenvolvem suas atividades com muito mais criatividade e dinamismo.

A título de conclusão vale citar que cada vez mais as escolas devem incentivar o desenvolvimento de projetos que permitam aos alunos interagir com a atividade proposta, pois como se percebeu este é um método que apresenta muitas vantagens, principalmente no que se refere a possibilitar o aluno expressar suas dúvidas, realizar atividades lúdicas mas ao mesmo tempo aprender o conteúdo necessário.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Elisa. **Etnografia da prática escolar**. 14 ed. São Paulo: Papirus, 2008.

BARBOSA, Juvêncio José. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1991.

CAIADO, Elen Campos. **Hábitos de Ler: os benefícios de sua aquisição**. 2007. Disponível em: <http://www.educador.brasilecola.com/sugestoes-pais-professores/habito-ler-os-beneficios-sua-aquisicao.htm>. Acesso em 02 dez. 2014.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo: Editora Scipione

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contratexto Editora, 2007.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e seus possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

KLEIMAN, Ângela B. **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_ **Oficina de leitura: teoria e prática**. São Paulo: Pontes, 2008.

MAGALHAES, Justino. Alfabetização e história: tendências e perspectivas. IN: BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Leitura: práticas, impressos e letramentos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 119-143.

MARICATO, Adriana. **O prazer da leitura se ensina**. Criança. Brasília. s/ v, n. 40, p. 18-26, set. 2009.

PELLEGRINI, Denise. **Ler e escrever de verdade**. A Revista do Professor ESCOLA. Setembro, 2011.

RIZZI, Leonor et HAYDT, Regina Célia C. **Atividades lúdicas na educação da criança**. São Paulo, Ática, 2006.

ROJO, Roxane. **Alfabetização e letramento**. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_ **O letramento escolar e os textos da divulgação científica – a apropriação dos gêneros de discurso na escola**. Linguagem em (Dis)curso , v. 8, n. 3, p. 581-612, 2008.

ROCHA, Ruth. **Romeu e Julieta**. Editora Moderna. São Paulo. 2009

SHAKEASPEARE, William. **Romeu e Julieta**. Adaptação de Renata Pallottini. São Paulo Scipioni. 2000

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

\_\_\_\_\_ **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_ **Escolarização da literatura infantil**. Disponível em: <<http://educar.varzeapaulista.sp.gov.br/wpcontent/uploads/2007/09/magdasoaresaedliej.pdf>>. Acesso em: 26 de novembro de 2014

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

APÊNDICE 1 – ATIVIDADES ORIGINAIS DOS ALUNOS

ESCOLA MUNICIPAL MILTON CAMPOS 2º ANO/ 1º CICLO  
PROFESSORA: Mariana DATA: 12 / 11 / 2014  
ALUNO(A): Gianna Ferreira de Almeida

ESTAMOS ENCERRANDO NOSSO PROJETO.  
AGORA ESCREVA UM TEXTO CONTANDO O QUE  
VOCÊ ACHOU DO PROJETO, O QUE MAIS  
GOSTOU E O QUE VOCÊ ENTENDEU SOBRE O LIVRO

Eu gostei do livro Romeu e Julieta  
porque a gente foi para a biblioteca,  
E eu pude despertar a curiosidade e  
achei muito legal. Eu descobri a minha  
leitura, as atividades de desopio. Eu consigo.  
Eu sei que as cores separas são bem graga  
esta gente trabalhou juntos. Tudo tem  
fica melhor. Romeu e Julieta bricarão  
Eu gostei da parte que todo mundo  
ajuda para procura eles. muito bom  
dizem que não é um conto de fadas.  
seu  
aluno

